

Alunos conectados: o uso didático da internet para o ensino de redação jornalística. A experiência na UFPR¹

Toni André Scharlau Vieira²
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo

Ensinar redação jornalística sem trabalhar o seu entrelaçamento com a internet não pode sequer ser imaginado nesse momento contemporâneo, mas como realizar isso sem fazer o ensino da técnica e da ética do jornalismo ficar subjacente? Experiências no curso de Jornalismo da UFPR apontam para necessidades que vão do conhecimento tecnológico ao entendimento de que o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação não pode se sobrepor aos conceitos éticos. A internet precisa ser pensada como uma peça fundamental do ensino, mas o contato com as ruas não pode ser esquecido.

Palavras-chave

Cibercultura, Ensino de Jornalismo, conectividade, tecnologias

É quase que uma imposição começar falando a respeito do desafio que é ensinar novas tecnologias para alunos de Cursos de Comunicação Social. Esse é um dos aspectos que mais chama a atenção quando se faz um balanço das experiências realizadas até aqui. Em oferta há mais de quatro anos, as disciplinas do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que trabalham questões envolvendo novas tecnologias não são apenas do tipo “práticas” ou “teóricas”. Elas são um espaço de reflexão sobre os modos em que o profissional de Comunicação Social pode relacionar-se com as tecnologias e ampliar suas potencialidades “mercadológicas” a partir do uso delas.

Em umas das disciplinas, por exemplo, o ensino de Redação Jornalística se dá de forma a dialogar com as tecnologias. Elas são pensadas como plataformas e não somente suportes para o exercício profissional (como uma máquina de escrever!). A proposta é fazer com que o aluno conheça e se interesse por dominar a linguagem e ampliar o conhecimento

¹ Trabalho apresentado no GP de Conteúdos Digitais e Convergência Tecnológica, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Toni André Scharlau Vieira, Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Pesquisador em Jornalismo impresso, Digital e Educomunicação.

sobre equipamentos e suas interconexões com o Jornalismo. Assim, fazer uma matéria sobre a “televisão” que é vista pela Internet através de serviços como os do MegaCubo, faz o aluno não só compreender o sistema streaming (que possibilita a transmissão e a sintonia de canais de televisão que são enviados por satélite pagos ou não pagos do Brasil e do Exterior), mas a ver pautas que nascem no ciberespaço e se vinculam com as velhas preocupações de ouvir as pessoas e a partir daí realizar uma leitura social dos fenômenos contemporâneos.

A pesquisa, realizada somente pela internet e em sala de aula, gera conhecimento e contribui para ampliar o debate sobre o uso das novas tecnologias no ensino de redação jornalística. A questão é como realizar esse trabalho sem contribuir para criar ou reforçar a idéia de que as novas tecnologias não podem ser pensadas como um fim, mas também já ultrapassaram a noção tradicional de meio. Aliado a isso existe a questão do comportamento de antigos professores que seguem uma linha de negação das novas tecnologias, não acompanhando-as e se negando a aprender a trabalhar com elas. Como ensinar a prática jornalística a moda antiga se todos os raciocínios recebem influência direta ou são fundados a partir das chamadas tecnologias da informação e da comunicação (TICs)? Para quem nasceu e cresceu com computadores por perto é quase um sacrilégio pensar uma atividade que não os contemplem.

Assim, para os professores, é importante pensar atividades que envolvam o uso das tecnologias na produção de textos jornalísticos. Mas isso só será possível se houver desejo dos docentes para informar-se a respeito da oferta e funcionamento dos equipamentos disponíveis, bem como das suas potencialidades. Isso quer dizer que além de acompanhar o desenvolvimento dos hardwares (máquinas!), deve-se pesquisar e entender os softwares, e, acima de tudo, montar estratégias pedagógicas para envolver os alunos no aprendizado ético e técnico do trabalho jornalístico.

E como se faz isso? Bem, os primeiros passos são as leituras de textos que relacionam as novas tecnologias com o exercício profissional. Autores como Marcos Palácios, Elias Machado, André Lemos, Alex Primo, Luciana Mielniczuk, Gerson Martins, José Antonio Meira, entre os brasileiros (lógico que aqui faltam muitos outros nomes!) e Nicholas Negroponte, Manuel Castells, Henry Jenkins, Pierre Levy, logicamente citando apenas alguns dos conhecidos mundialmente. Todos esses devem ser leitura obrigatória.

Com relação a idéia de ética jornalística ou ética profissional, além do trabalho com o código de ética profissional adotado pela Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ, um

dos principais parâmetros a ser levado em conta é o livro de Eugênio Bucci, sobre ética e imprensa. Bucci é o autor mais contundente pois sua obra faz análise de casos reais e trabalha com outros autores como Ciro Marcondes Filho, Paul Johnson, Claudio Abramo, Robert Darnton, Philip Meyer, Marilena Chauí, entre outros. Bucci trabalha com debates contemporâneos, sem deixar de dialogar com grandes teóricos.

Através desse tipo de leitura e de debates, se realiza um convite ao aprofundamento de temas. Assim é possível aproximar os alunos de um domínio mínimo dos clássicos como Marshall Mc Luhan, Umberto Eco, Jürgen Habermas (...). Além disso, é importantíssima a leitura periódica de colunas e/ou sites/blogs de profissionais que acompanham as mudanças no cenário tecnológico, como <http://www.jornalistasdawe.com.br>, portal comunique-se, <https://knightcenter.utexas.edu>, sala de prensa, bocc, entre muitos outros, acadêmicos ou não. É através dessas leituras que se pode saber que a Google lançou um tablet que vai custar em torno de 200 dólares. E se em pouco tempo o uso de Tablets estará popularizado é urgente pensar um formato de texto e de layout jornalísticos para essas mídias (no caso específico do nosso jornal laboratório eletrônico o www.jornalcomunicacao.ufpr.br não existe previsão para o leitor em tablets.

É lógico que nós (professores) não podemos nos abstrair de discussões básicas, como o próprio exercício profissional no ambiente das TICs. Cremilda Medina diz que “a entrevista internáutica se além a idéias e conceitos, não capta ambientes, cheiros, cores, gestos, paladares” (MEDINA, 2008, p. 96). Está correta, embora não possamos dispensar nenhuma forma de obter informações quando da formação dos alunos.

Também não é possível esquecer as reflexões bem materiais que ocorrem de forma pontual. Se não for possível uma entrevista presencial, ai sim, lança-se mão da alternativa mediada pelos aparatos tecnológicos, desde o telefone até o chat com audio e video em tempo real. Aqui só faltaria o uso do olfato e do tato para ter um conjunto próximo do ideal no que se refere aos sentidos humanos e sua “utilização” na produção jornalística. Mesmo levando em conta que já estão sendo feitos testes de aplicativos para televisores digitais com cheiro (no Brasil esses testes estão sendo feitos em empresas como HXD, de São Paulo), tudo ainda é muito incipiente para provocar mudanças significativas para a entrevista jornalística. Mesmo que essas experiências estejam disponíveis em pouco tempo, no trabalho de formação universitária elas ainda demorarão um pouco mais para terem aproveitamento didático pedagógico, quer seja pela questão dos custos, quer seja pela questão da lentidão da aquisição dos bens pelas instituições de ensino federais.

Em uma obra mais recente Cremilda Medina continua o debate e lembra de forma enfática que o suporte não pode sobrepor-se a essência:

“Está bem: a tecnologia favorece contatos, mapeia rapidamente os espaços, traz a pauta informações preciosas que escapariam no tempo natural de pesquisa. No entanto, como menosprezar as viagens ao Outro com cinco sentidos ativos na percepção?” (MEDINA, 2012, p. 172)

A pesquisadora já admite que diante de um avanço tecnológico que permitisse o uso simultâneo dos vários sentidos humanos seria aceitável a realização de, por exemplo, entrevistas através das TICs. Embora tudo ainda seja muito experimental ou fruto de projeções, Cremilda acredita que as tecnologias são “um precioso suporte dos sentidos que atribuímos ao mundo e da partilha democrática que se acelera e estreita nas redes inteligentes.” (MEDINA, 2012, p. 142)

Humanizar o contato é função precípua do jornalista. E se é inexorável o uso das TICs no contexto que vivemos, que ele seja realizado dentro dos velhos princípios éticos e técnicos que devem nortear a produção de qualquer profissional que se considera um autêntico mediador social de sentidos. O compositor uruguaio Jorge Drexler fala em uma de suas canções que “la maquina la hace el hombre... Y es lo que el hombre hace con ella” (DREXLER, 2005). Nenhum trabalho jornalístico deve depender da tecnologia, e as máquinas não vão sobrepor-se a atuação humana no trabalho com as informações. O jornalista não pode fazer como o bancário que fica parado enquanto o sistema informático do banco não voltar a funcionar.

Mas o impacto das novas tecnologias sobre o ensino e sobre o ensino de redação jornalística é evidente e até mesmo problemático. A técnica não pode ficar acima da preocupação ética! Essa sim é a principal preocupação na formação de um bom jornalista. Assim que a reflexão sobre experiências pedagógicas e o relato de atividades recentes é fundamental para ampliar o debate. No caso do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná o trabalho passa pelas conhecidas dificuldades administrativas e financeiras do ensino público para que se possa acompanhar o desenvolvimento tecnológico minimamente, chegando até ao despertar do desejo dos alunos para um investimento no desenvolvimento de múltiplas habilidades. E esse cenário é muito comum entre alunos de cursos de Comunicação Social brasileiros.

Por exemplo, não fosse a dificuldade de compra de equipamentos, poderíamos ter uma webcam em cada computador de um laboratório e, assim, realizar uma entrevista

coletiva a distância com uma fonte que conversaria em tempo real com os repórteres. Isso é possível se fizermos um *hang up*, gratuitamente, usando as ferramentas que a Google já disponibiliza no google talk ou no google mais. Sempre lembrando que essas ferramentas são de uso bem fácil, não requerendo uma ampla habilidade de informática.

Existem professores que entendem a Internet como ferramenta apenas. Mas, entre tantas outras avaliações da grande rede de computadores, está a que vê a possibilidade de ampliar o desenvolvimento da leitura, por exemplo. No ensino de jornalismo é melhor pensar a partir da segunda idéia. Até porque fica difícil imaginar a formação de um repórter, de um jornalista contemporâneo sem pensá-lo conectado e interagindo o tempo todo. Mas, como em outros espaços letrados, o aluno/repórter do mundo digital necessita desenvolver competências leitoras e escritoras específicas, significativas nessa forma de comunicação. Por isso os exercícios que trabalham diretamente com o universo da vida on-line são importantes.

No trabalho de produção jornalística o que é mais significativo, além do domínio da língua, é o hábito de enxergar pautas, de ver os assuntos transformados em temas de interesse jornalístico. O chamado “faro jornalístico”. Essa habilidade pode ser despertada através do trabalho com a Internet. Assim como no exemplo da pauta/matéria sobre o crescimento do Megacubo, atividades que utilizam a grande rede de computadores como fonte são fundamentais para ajudar os alunos a aproximarem o trabalho jornalístico do universo disponível na internet. Nessa linha de pensamento é fundamental entender e aproximar-se das redes sociais como Orkut, MSN, Twitter, Facebook, entre outras.

O professor que está sintonizado com as “novas ondas” logo vai encontrar uma forma de dar a uma nova ferramenta da internet um uso didático pedagógico. Assim é possível tornar um hábito caseiro e pouco compartilhado publicamente em um trabalho de aula mais prazeroso. Em uma atividade de redação jornalística trabalhamos com o Twitter. Foi tanto uma chance de os alunos pensarem: “nossa, o professor não é toscão e parado no tempo, ele conhece o twitter!” como de aprofundar identidades muito próprias do texto jornalístico como a concisão.

A tarefa consistiu em procurar na internet um tema contemporâneo e que pudesse ser publicado em nível local e regional. Logo após o aluno deveria compor uma mensagem e enviar a um colega pelo Twitter. Após todos terem terminado a tarefa cada aluno lia o texto que recebeu e explicava aquilo que havia entendido. O autor do texto comentava e discutia se era aquilo mesmo que ele queria que o receptor tivesse entendido. O professor e

os demais alunos também intervíram dando opiniões e tecendo comentários tanto sobre o texto, a pauta e a mídia utilizada, o Twitter, no caso.

Mesmo que tenha havido algum mal estar, um aluno muito aficcionado nas novas mídias, mas pouco informado sobre o seu funcionamento, twittou uma pseudo crítica a atividade. Quando soube que o professor lia os twitts ficou meio sem jeito. Nada de mais! Até porque o aprendizado também é sobre a responsabilidade daquilo que publicamos através da internet. Na avaliação dos alunos presentes, a realização da tarefa foi muito positiva! Ela mostrou como uma simples ferramenta, que está nas mãos deles diariamente, facilmente se transforma em ferramenta jornalística.

Também é interessante trabalhar ferramentas de uso livre e de fácil acesso (inclusive aos próprios alunos) como o Twitter. Isso pode ser feito propondo aos alunos que escrevam um texto informativo no limite dos 140 caracteres do aplicativo. Essa atividade pode ser realizada na rua entre os alunos que possuem tablets ou smart fones. A utilização das novas tecnologias para ampliar e aprofundar métodos e técnicas jornalísticas já é bastante conhecida. O pensamento que tem permanecido nos últimos anos é o de que as inovações permitem novos modos de trabalhar, mas a essência da atividade deve permanecer.

Ensinar redação dentro do universo informático e tendo a Internet como principal ferramenta pode tornar a atividade muito tecnicista. Cremilda fala de “signo da relação” como forma de superar a tentação do difusionismo unidirecional dos significados. (MEDINA, 2008, p. 98). Essa atividade envolvendo o Twitter caminha nessa direção. Ao escrever para o “consumo” de um colega que logo a seguir dá um retorno sobre o seu entendimento, o aluno pode perceber que o caminho cibernético não pode deixar de ser humanizado permanentemente.

O debate gerado pela produção amplia as possibilidades de discussão sobre ética e técnica, algo já trabalhado anteriormente por Elias Machado.

“O que ocorre com o jornalismo digital é que a revolução cognitiva de nossa época começa a mudar os valores tradicionais da profissão, colocando em crise as normas básicas dos códigos de ética jornalística.” (MACHADO, 2003, p. 119)

A revolução cognitiva de que fala Machado passa por um maior domínio do universo digital. A cada dia se apresentam novas descobertas e novos modos de interagir através da internet, da telefonia móvel e outras tecnologias. Os jornalistas precisam estar preparados para trabalhar dentro dessa realidade e isso quer dizer um permanente estudo

sobre as inovações e seus impactos. Um exemplo disso é o conceito de convergência midiática. Segundo Jenkis, ele representa um conjunto de mudanças nas formas de relacionamento do público com os meios de comunicação.

Ao invés [de um único aparelho], graças à proliferação dos canais e à natureza cada vez mais ubíqua da computação e das comunicações, nós estamos entrando numa era onde a mídia estará em toda parte, e nós usaremos todos os tipos dos meios de comunicação relacionando-os uns aos outros. Nós desenvolveremos novas habilidades para controlar a informação, novas estruturas para a transmissão por meio desses canais, e novos gêneros criativos para explorar os potenciais dessas estruturas emergentes. (JENKIS, 2012)

Quem vai escrever para os meios de comunicação contemporâneos precisa discutir essa realidade e aprender como interagir com ela. Escrever para os usuários dela! Os alunos de redação jornalística já estão trabalhando focados nessas “novas habilidades para controlar a informação” e nas “novas estruturas para a transmissão”, como destaca Jenkis.

Como atividade de mergulho em realidades, periodicamente os alunos realizam “imersões” em comunidades. A idéia do professor José Carlos Fernandes³ é levar os alunos a lugares pouco freqüentados por eles, com equipe de televisão, rádio e impresso/on line. Assim foi realizada uma “imersão” na Vila das Torres (local não regularizado pela prefeitura e que sofre grande debate sobre posse de terras urbanas na cidade de Curitiba).⁴ O trabalho coletivo de reportagem foi batizado de “imersão” em função da maneira como os alunos/repórteres se “contaminavam” com a pauta. A visita foi realizada em maio de 2010 com mais 15 alunos e compreendeu uma série de conteúdos trabalhados a partir de uma ida “in loco”, contando com as consequentes “descobertas” que os alunos faziam no local ao se depararem com as realidades e personagens do lugar.

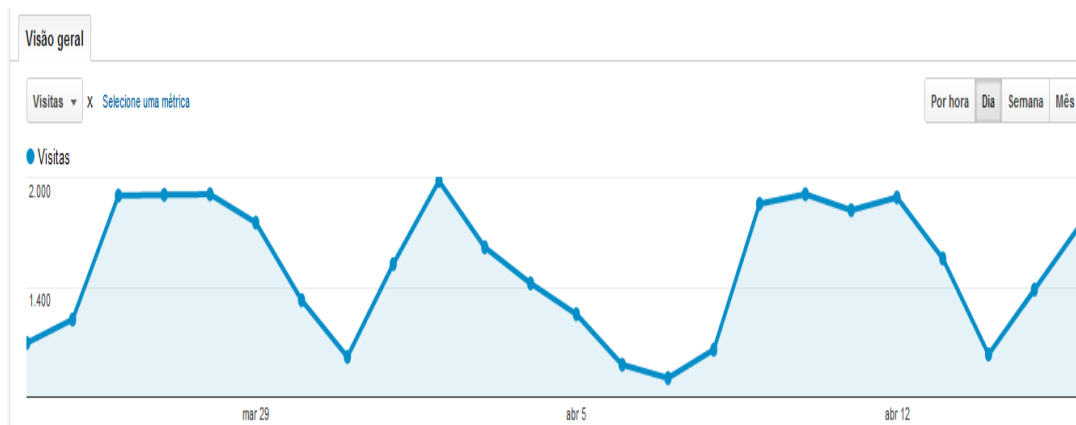
Na linha do pensamento exposto por Cremilda, os alunos trabalham diretamente com a realidade e produzem conteúdos que serão veiculados on line. O Jornal Comunicação online também possui conteúdos de rádio e televisão disponibilizados ao público na internet! Claro que o aprendizado é bastante valioso para os alunos. O envolvimento é muito forte e os conteúdos demonstram que, independente da plataforma, o trabalho jornalístico tem valor quando se mostra humano e humanizador.

³ Professor de Redação Jornalística na Universidade Federal do Paraná, UFPR, jornalista e colunista do jornal Gazeta do Povo, Curitiba - PR.

⁴ Ver em <http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/views/naviladastorres>

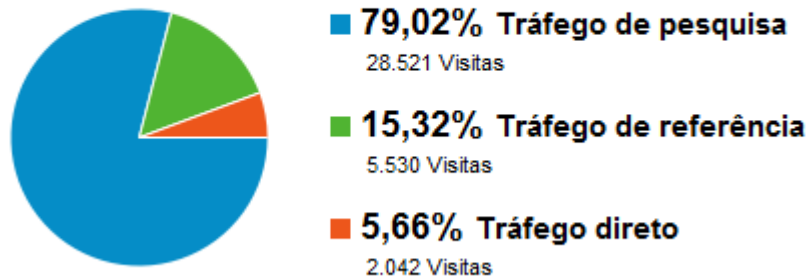
Não se pode descolar das questões gerais que envolvem a vida social, a comunicação e as novas tecnologias. Ao mesmo tempo precisamos construir raciocínios humanizadores para reger o trabalho de formação de jornalistas que atuarão na mediação social de sentidos utilizando como principais ferramentas as chamadas TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação). Na UFPR o cotidiano aponta para uma pesquisa permanente e uma prática que permita um exercício profissional trabalhando com as técnicas, mas sem descuidar da ética. O fato dos alunos terem a possibilidade de publicarem seus textos em um site que tem uma grande visitação diária (o www.jornalcomunicacao.ufpr.br) deixa o aprendizado com uma importância social ampliada.

Vejam alguns números para compreender melhor essa importância social:



Esse gráfico faz parte do relatório do Google Analytics do período de 24 de março até 16 de abril. Ele aponta um tráfego de mais de 36 mil visitantes no site do jornal comunicação.

36.093 pessoas visitaram esse site



Dessas 36.093 pessoas, 28.521 chegaram ao site através de instrumentos de busca, como o próprio Google. Outras 5.530 visitas ao local se deram a partir de uma indicação de um outro site ou através das redes sociais. Os alunos e a própria equipe do site publica chamadas para matérias que foram recém colocadas on line. Um número bem menor, 2.042, se refere aos internautas que “digitaram” o endereço na barra do seu navegador. Esses são aqueles que REALMENTE queriam visitar a página, geralmente trata-se de alunos ou membros da comunidade acadêmica.

O dia com maior número de acessos foi 1º de abril. Pode acreditar! Já os novos visitantes representaram 85,36% do total. Interessante que esse número é quase igual aos registrados no último relatório (de fevereiro e março de 2012). A taxa de rejeição ficou em 78,56%. Na prática isso significa que o internauta ficou menos de 1 minuto no site. O percentual, também, é quase igual ao encontrado no último relatório, 78,98%.

A duração média das visitas é de 00:00:58. Aqui um fator para preocupar-se: são cinco segundos a menos que no último relatório. Isso pode ser atribuído a vários fatores, entre os mais relevantes estaria o fato de que o visitante que já conhece o site demorar, cada vez menos, para acessar o assunto de seu interesse. Quer dizer, o internauta já sabe o caminho! Um exemplo é o aluno que visita o site para saber qual o menu do restaurante universitário. A cada operação o tempo de permanência no site diminui, em função da “experiência” adquirida e da intimidade com a arquitetura do site.

São números robustos para uma experiência acadêmica! As oscilações de visitas acompanham as postagens de relevância e todos os números são analisados pelos alunos que compõem a equipe de trabalho. Os números do Google analytics não falam por si, são, na verdade, são uma ferramenta interessante para medir a extensão da recepção ao trabalho. Mas como o foco do projeto é o público interno, alunos e comunidade da UFPR de uma

maneira geral, costuma-se dar mais importância as pesquisas de comportamento dos leitores que são manifestadas voluntariamente (através dos e-mails enviados a redação!) ou por intermédio de consultas realizadas nos campi, quando os receptores do Comunicação respondem perguntas que auxiliam na escolha de pautas ou na oferta de novos produtos, assim como os insights da própria equipe.

Psicopata, Sonambulismo, Estafa e Psicose Infantil ficaram entre as 10 palavras-chave que mais trouxeram visitantes para o site. O ranking ficou assim: Psicopata: mente cruel em rosto agradável (2.694 visualizações), Cardápio (762), Sacolas oxi-biodegradáveis (626), O vestibular UFPR 2011/2012 já está com as datas definidas (538), As faces do sonambulismo (446), Projetos de lei de iniciativa popular são raros no Brasil (421), Pouco conhecida, psicose infantil deve ser tratada desde cedo (401).

Agora um quadro por editoria:

Por editoria:

UFPR:

Agenda Federal: acabou a folga! (88 visitas)

Jornal Comunicação errou (252)

Agenda Federal: mês novo, eventos novos (89)

RU s não oferecem mais copos descartáveis (155)

Agenda Federal: chega de chocolate (52)

Editora UFPR promove 3 Feirão de livros no centro politécnico (77 visitas)

Projeto de inclusão da UFPR incentiva formação musical de crianças (39 visitas)

Sem partir para a ignorância (68 visitas)

Agenda Federal: para ou não para? (29 visitas)

Sociedade

Educadores da Rede Pública querem criar casa do professor aposentado (51 visitas)

Política

Vices assumem governo mas ficam no anonimato (134 visitas)

Autoridades de Colombo conversam com a população sobre saúde pública (47)

Série Pré-Candidatos: “Precisamos ter a humildade de ver que ainda há muito a ser melhorado em Curitiba” (56 visitas)

Ciência e Tecnologia

Reciclar não basta, é preciso reutilizar (105 visitas)

Análise mostra que LSD não combate alcoolismo (90 visitas)

UFPR discute sobre propriedade intelectual (36 visitas)

Cultura

Páscoa em Curitiba impulsiona teatro amador (48 visitas)

Mostra de Arte Independente abre espaço para artistas do cenário alternativo (13 visitas)

Do cinema para a literatura (32 visitas)

Comportamento

As novas manias dos internautas (143 visitas)

O motivo por trás dos tiros (61 visitas)

Esportes

Encantando o país do futebol (129 visitas)

Curitibanos são futuro da patinação artística no Brasil (182 visitas)

Tubo de Ensaio

Eles fazem a cena (83 visitas)

Atrás da cortina vermelha (14 visitas)

Vestiba

Sisu diversifica o perfil do estudante que entra na UTFPR (91 visitas)

Curitibano que foi primeiro lugar no Enem escreve livro sobre técnicas de estudo (122 visitas)

Estudantes do Ensino Médio dizem não ler livros para o vestibular (45 visitas)

Festival de Teatro

Rir é o melhor remédio (19 visitas)

Guritiba agrada pais e filhos (2 visitas)

Quem sabe o príncipe é um idiota? (122 visitas)

Clarice Lispector é inspiração para peças no Festival de Curitiba (101 visitas)

De três é melhor (61 visitas)

Centenário de Nelson Rodrigues é marcado por adaptações no festival (87 visitas)

Atores escrevem, dirigem e atuam nas peças do Festival (23 visitas)

“Assuma sua lepra!” (8 visitas)

Gastronomix apresenta a arte da alta gastronomia (3 visitas)

No Paraná teve ditadura? Sim, senhor! (5 visitas)

O voo alto dos pássaros mortos (14 visitas)

Festival de quem? (31 visitas)

Top 10 (21 visitas)

Um aspecto que comprova a idéia de que o principal seguidor do site é o público acadêmico da UFPR é o fato de que após deflagrada a greve (17 de maio), o Comunicação manteve as postagens apenas atualizando os assuntos sobre a paralisação dos professores e, depois, dos técnicos administrativos. No período de 17 a 30 de maio houve **40.759** visualizações realizadas por **25.305** pessoas.

Em menos de 15 dias, o site teve mais acessos que em período semelhante no mês de março (toma-se por base o período de 24 de março até 16 de abril, 36.093). Da mesma maneira ampliou-se o tempo médio de permanência nas páginas do site.

Deve-se destacar, também, o fato de conteúdos gerados e de interesse da comunidade acadêmica estarem entre os 10 mais bem posicionados no ranking de acessos:

1. Greve na UTFPR já engloba professores e alunos

www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/114441661

Visualizações de página: 2458

Visualizações de página única: 2215

Tempo médio na página: 00:03:46

2. Psicopata: mente cruel em rosto agradável (não podia faltar)

www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/6665

Visualizações de página: 1872

Visualizações de página única: 1661

Tempo médio na página: 00:06:02

3. Página inicial

www.jornalcomunicacao.ufpr.br/

Visualizações de página: 1.810

Visualizações de página única: 1.350

Tempo médio na página: 00:01:10

4. Estudantes da UFPR entram em greve

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/11475>

Visualizações de página: 1.272

Visualizações de página única: 1.127

Tempo médio na página: 00:03:04

5. Página inicial (de novo)

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/index.php>

Visualizações de página: 1.178

Visualizações de página única: 739

Tempo médio na página: 00:01:40

6. Estudantes de Medicina da UFPR entram em greve pela primeira vez na história

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/11459>

Visualizações de página: 871

Visualizações de página única: 774

Tempo médio na página: 00:02:49

7. Falta ao trabalho devido à greve não pode ser descontada do empregado

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/10708>

Visualizações de página: 867

Visualizações de página única: 803

Tempo médio na página: 00:03:17

8. Adesão dos professores da UFPR à greve ainda é parcial

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/11449>

Visualizações de página: 734

Visualizações de página única: 609

Tempo médio na página: 00:03:44

9. Dúvidas que surgem durante a greve

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/11474>

Visualizações de página: 644

Visualizações de página única: 600

Tempo médio na página: 00:04:08

10. “A greve só termina quando o governo fizer uma proposta digna”, declara presidente da APUFPR

<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/11433>

Visualizações de página: 452

Visualizações de página única: 400

Tempo médio na página: 00:02:23

Perceba-se que a chamada página inicial (home page) tem dois lugares diferentes no ranking. É que o primeiro caso (terceiro lugar no ranking) é quando alguém digita o endereço do site e vai direto pra ele. A página inicial que está na quinta colocação, a que tem a URL com a expressão /index, é quando o usuário entra no site através de uma matéria

específica, mas acaba clicando no índice, se remetendo para a página inicial, geralmente clicando na logo do jornal no alto da página.

Produzir conteúdo jornalístico em nível acadêmico, disponibilizando informações para um número cada vez maior de pessoas é um grande desafio. Na prática, liderar a equipe como professor de disciplina de redação jornalística significa assumir a responsabilidade por acompanhar os avanços tecnológicos e não descuidar da formação ética e técnica do grupo.

Assim, a atuação como facilitador e provocador de atividades como a pauta do mega cubo, a tarefa utilizando a rede social Twitter ou quaisquer outras que já foram apresentadas ou estão sendo estruturadas, requer uma boa dose de pesquisa e pró-atividade para dar certo. Por isso lembro novamente da necessidade de ler conteúdos que atualizam informações sobre programas e novos aplicativos.

A visibilidade dos textos por uma comunidade que está em crescimento⁵ é estimulante para os alunos escreverem e possibilita uma melhor compreensão sobre as responsabilidades técnicas e éticas dessa escrita. Por tudo isso as atividades de produção jornalística em jornalismo on line na UFPR podem ser consideradas coerentes com a preocupação de formar profissionais que estejam sempre buscando narrativas que contribuam para uma polissemia e uma polifonia que estimule atos relacionais onde a técnica não se sobreponha ao sujeito autoral, o jornalista responsável do século XXI.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

BUCCI, Eugenio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DREXLER, Jorge. “My guitarra e Vos”. IN: **ECO** (disco), 2005.

GOOGLE apresenta seu próprio tablet, o Nexus 7. IN: <http://www.jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudoTipo=1&idConteudo=5370> caputarado em 27/06/2012.

⁵ O relatório parcial do Google Analytics de maio de 2012 aponta um número de acessos total do mês superior a 60 mil visitas.

JENKIS, Henry, 2001, Apud: TÁRCIA, Lorena. “A formação de jornalistas em tempos de convergência das mídias digitais: uma pesquisa-ação de dois anos e seus resultados”. IN: <http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=540&cf=18>, capturado em 30/05/2012.

LEMOS, André. “Cibercultura e mobilidade: a era da conexão”. IN Razón y Palabra, octubre – noviembre de 2004 - <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>, capturado em 17/05/2012.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas.** Salvador: Calandra, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo** – Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. Casas da viagem – de bem com a vida ou afetos do mundo. São Paulo: edição de autor, 2012.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Pensar a comunicação.** Brasília, Ed. UnB, 2004.